

O LOCAL DA CULTURA: deslocamentos históricos na literatura popular

Doutoranda Renata Pinto Uchôa de Araújo¹ (UFPB)

Resumo:

A literatura desenha o homem e, ao fazê-lo, transfigura realidades. Desde os primevos tempos, a criatividade humana desfaz a história, espargindo-a em múltiplas memórias. São elas que resguardam as marcas da atuação do homem num mundo construído pelo símbolo e pelo imaginário. Assim é o folheto de cordel: um gênero que volatiza a realidade, transformando-a consoante os desejos do *eu*. Transcodificando acontecimentos históricos, revela-se como elemento etno-literário capaz de (re)constituir sentidos que reverberam deslocamentos identitários próprios de dado tempo e espaço. Este trabalho, respaldado pela semiótica greimasiana, tem como objetivo examinar as estruturas discursivas do folheto de cordel *O último dia de Lampião*, observando como se realizam e se organizam os percursos de cada sujeito semiótico em busca de seu objeto de valor. Os estudos desenvolvidos pelos semioticistas PAIS, FIORIN e BATISTA constituem as fontes teóricas que orientam a referida pesquisa.

Palavras-chave: Semiótica – Discursivização - Cultura popular

1 Introdução

A semiótica é uma ciência que tem por objeto de estudo a significação, que é entendida como articulações do sentido. O sentido, por sua vez, apresenta-se através de um percurso gerativo, que é formado por três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo. Tendo em vista que este artigo consiste numa análise das estruturas discursivas, teceremos, então, algumas considerações sobre elas.

O nível discursivo, o mais superficial do percurso gerativo da enunciação, é caracterizado por apresentar elementos que concretizam as formas abstratas do nível narrativo. Estabelece as relações entre o Sujeito enunciador com seu enunciado e com o enunciatário. Apresenta uma semântica, que compreende os investimentos de tematização e figurativização; e uma sintaxe, que analisa os procedimentos que constituem as marcas da enunciação, representados pela actorialização, espacialização e temporalização.

Tomando por base essa teoria semiótica, extraímos do acervo do PPLP (Programa de Pesquisa em Literatura Popular) o *corpus* composto pelo folheto de cordel *O Último dia de Lampião*, da autoria de João Fernandes de Oliveira, e fizemos uma análise das estruturas discursivas, ressaltando relações de pessoa, tempo e espaço existentes nela.

2 Análise do corpus

No texto, o discurso apresentado pelo enunciador é informativo, ou seja, retrata a vida de um famoso cangaceiro, o Lampião, que ganhou destaque nacional pela sua bravura. Para uns, o cangaceiro foi um criminoso digno de uma severa punição, para outros, era um herói. Mesmo sendo um discurso informativo, o enunciador deixa transparecer na tessitura do texto suas marcas ideológicas, o que denotam uma posição favorável à figura de Virgulino pelo enunciador que, estabelecendo seu enunciatário, o leitor, constrói seu discurso envolto de elementos que visam

comprovar a veracidade de sua opinião. Para isso, transmite a voz a cinco atores, são eles: Lampião; os cangaceiros do bando, representados por dezenove figuras: Antônio, João, Livino e Ezequiel, Coruja, Corisco, Quinta-feira, Açú, Peitica, Criança, Bentevi, Lavandeira, Xexéu, Pinto D'água, Cajazeira, Beija-flor, Andorinha, Pedro Cândido e Tananjeira; as mulheres do bando, nomeadas por Enedina, Cila, Maria Bonita e Bentinha; o Tenente João Bezerra e um “cabra”.

Lampião, por se tratar o texto de uma descrição breve de sua vida, corresponde ao ator em que os acontecimentos da narrativa se constroem em torno. Ele aparece como o maior representante do cangaço, um fenômeno que ocorreu no Nordeste brasileiro entre os séculos XIX e XX, cujas raízes de seu surgimento estavam em questões sociais e econômicas, que acometiam moradores do sertão a uma vida de dificuldades e privações. Era um movimento caracterizado por ações violentas de assaltos, sequestros e outros crimes. Comprove o que foi dito no trecho abaixo:

“Os seus dezessete anos
Virgulino completou
não queria ser perverso
mas o destino o obrigou
nunca mais teve alegria
quando no cangaço entrou”

Na narrativa, o ator Lampião encontra-se na maior parte debreado do enunciado em tempo, pessoa e espaço, uma vez que é projetado pelo enunciador num tempo passado, em terceira pessoa e num espaço *lá*, representado pelos estados nordestinos que percorreu ao longo de sua vida. Eis os textos que asseveram:

“Lampião foi nordestino
famoso rei do cangaço
que dominou sete Estados
e nunca achou embaraço
Tinha destreza nas armas
quando manajeva o braço”

“Nasceu em noventa e oito
a doze de Fevereiro
sua vida no cangaço
assombrou o mundo inteiro
já nasceu predestinado
para ser o cangaceiro”

Em outros momentos no texto, o enunciador delega a voz a Lampião, que se manifesta através de falas diretas, o que marca a fusão do ator com o enunciado. Observe-se:

“Sempre dizia: - Não faço
herezia nem besteira
tenho que honrar meu nome
sou Virgulino Ferreira
e também tenho direito
nesta terra brasileira”

“Lampião sempre dizia:
- Serei um homem valente

brigarei enquanto vivo
não nasci para semente
por causa de uma vingança
brigarei eternamente”

“Fugiu para uma fazenda
Para melhor se tratar
Com um alicate, o espinho
Conseguiram arrancar

Disse ele: - Só com um olho

Ficou melhor de atirar.”

Assim como Lampião, os cangaceiros, atores representados pelos componentes do bando do sertanejo, possuem a mesma características do chefe do grupo, eram bravos e violentos e também foram instigados pela situação de penúria em que se encontravam a entrarem no cangaço. Esses atributos tornaram o bando de Virgulino um dos mais afamados e perseguidos na história do cangaço no Nordeste. Por serem esses atores mencionados em terceira pessoa e num tempo passado, estão debreados do enunciado.

“Era ele e quatro irmãos
Antonio, João e Livino
Ezequiel o mais moço
Tinha o coração ferino
Foram eles os primeiros
Do grupo de Virgulino”

“Tinha o valente Coruja,
Corisco e Quinta-feira,
Açu, Peitica e Criança,

Bentevi e Lavandeira
E o valente Xexéu,
Pinto D’água e Cajazeira
Beija-flor e Andorinha”
“Homens de gênio cruel
O valente Pedro Cândido
Sempre fez um bom papel
E o Tanajura falado
Que nunca foi infiel”.

O bando de Lampião não era composto apenas por valentes homens, existiam também quatro mulheres corajosas que acompanhavam esses cangaceiros. Elas desempenhavam papéis de esposas e faziam as tarefas dignas de tal posição, que eram o companheirismo e os próprios afazeres domésticos. No cordel em questão, esse ator representado pela presença feminina no bando não aparece manifestado por uma fala, mas sim mencionado pelo enunciador em terceira pessoa. Eis os fragmentos:

“E tinham quatro mulheres
Uma delas, Enedina
Cila e Maria Bonita
De Lampião concubina
E Bentinha que morreram
Cumprindo uma triste sina”

“Eram todas corajosas
Andavam na companhia
Do bandido Lampião
Porque sempre ele dizia:
- Para o homem sem mulher
A vida não tem valia”

Mais um papel atoral emerge na narrativa na figura do Tenente João Bezerra, que aparece no texto para representar todos aqueles que viam Lampião como um criminoso digno de uma ríspida penalidade. Por pertencer à milícia, viu-se mais responsável ainda em prender ou matar o malfeitor sertanejo e, aliado à sua valentia e determinação, inicia uma incansável busca ao cangaceiro em todo o território nordestino. É um ator que ora está debreado ora embreado do enunciado, pois em certos pontos do texto é citado em terceira pessoa, com verbos no passado, e em outros, a voz lhe é delegada, é quando se instaura através de um diálogo com o “cabra”, ator que informa ao tenente a localização de Lampião e seu bando. Este último ator aparece como aquele que intermediou a morte de Virgulino, pois foi através de sua informação que o ator João Bezerra consegue matar o cangaceiro juntamente com seu bando e ter a fama dissipada em todo Brasil. Os excertos comprovam:

“No ano de trinta e oito
um batalhão reforçado
do Tenente João Bezerra
chefe forte e respeitado
já andava no encalço

desse batalhão malvado”.

“Percorreram Alagoas
entraram pela Bahia
depois foram a Pernambuco

e João Bezerra dizia:
-Deixe está bandido velho
eu hei de pegar-te um dia!”
“Na cidade de Piranhas
ficou Bezerra hospedado
até que um certo dia
alguém trouxe-lhe um recado
o qual dizia: - Tenente

Lampião está acampado”.

“O tenente perguntou-lhe:
- Me conte certo o roteiro
me diga se sabe mesmo
onde está o cangaceiro?!”
o cabra disse: - Eu conheço
onde vive o bandoleiro”.

Na organização da narrativa, a temporalização do cordel em análise apresenta as marcas que evidenciam tanto o sistema temporal linguístico, quanto o sistema temporal crônico. No que diz respeito ao tempo linguístico, existe a presença de verbos que ordenam a narrativa, são verbos no passado, presente e futuro.

Por relatar uma história que se encontra no âmbito da memória, o enunciador a coloca num tempo passado e mantém-se afastado do enunciado. Por relatar a história de vida de um famigerado cangaceiro, o enunciador faz uso desse tempo verbal para destacar o caráter verossímil do que enuncia e, assim, convencer seu enunciatário da credibilidade de seu discurso.

“Lampião **foi** nordestino
famoso rei do cangaço
que **dominou** sete Estados
e nunca **achou** embaraço
Tinha destreza nas armas
quando **manajeva** o braço”

No final da narrativa, a presença de verbos no pretérito perfeito assinala a fusão do enunciador com a enunciação e, ao mesmo tempo, seu distanciamento em relação ao enunciado, uma vez que esse marco verbal foi utilizado para chamar atenção para a importância histórica da trajetória do cangaceiro Lampião.

Já **terminei** a história
do famoso bandoleiro
o homem que **ganhou** fama
na arte de cangaceiro
seu nome imortalizado
e também **ficou** lembrado
até pelo estrangeiro

O presente do indicativo aparece no texto para marcar um distanciamento do enunciador em relação ao enunciado. É quando transfere a voz aos atores. Afirmção comprovada nas falas do tenente, do informante e do próprio Lampião. Os trechos a seguir demonstram:

“-Me **conte** certo o roteiro / me diga se **sabe** mesmo / onde **está** o cangaceiro?!”
“Eu **conheço** onde **vive** o bandoleiro”
“**Fica** daqui a três léguas
onde **existe** um riachão
uma fonte, um enorme grutilhão
é lá que **está** acampado
o bandido Lampião”
“Para o homem sem mulher a vida não **tem** valia”

Esse distanciamento também é detectado nos verbos no futuro do presente, que aparecem para assegurar a bravura do homem sertanejo, que não teme perigos nem inimigos. Por causa dessa qualidade, o nordestino ficou conhecido nacionalmente pela sua masculinidade, pela sua virilidade. A fala do ator Lampião atesta:

“Lampião sempre dizia:
-**Serei** um homem valente
brigarei enquanto vivo
não nasci para semente
por causa de uma vingança
brigarei eternamente”

No que concerne ao tempo crônico, responsável pela organização da narrativa através de expressões de tempo, o cordel em análise apresenta uma ordenação dos fatos narrados por meio de datas, idade e horas. Todos os acontecimentos ali registrados são situados historicamente. Podemos perceber essas demarcações temporais na data do nascimento de Lampião: *noventa e oito a doze de Fevereiro*; na idade em que Virgulino se inicia no cangaço: *desessete anos*; no tempo em que o cangaceiro permaneceu na vida de crimes: *23 anos*; no ano de sua morte: *ano de trinta e oito*; e na hora em que o Tenente João Bezerra e seu batalhão chegaram ao esconderijo de Lampião e fizeram uma cilada que culminou na exterminação do mais temerário cangaceiro do Nordeste e seu bando: *quatro da madrugada*. Todas essas expressões temporais são utilizadas para oferecer maior veracidade ao que é narrado, pois corresponde a uma história verídica e de grande notoriedade.

Na espacialização, o espaço linguístico do texto em questão é determinado por uma debreagem do enunciador em relação ao que enuncia, visto que os fatos por ele narrados estão mnemonicamente situados.

Na expressão: *Vamos ler o relatório / do famoso Lampião*, constata-se uma proximidade, uma identificação do enunciador com o espaço da enunciação, é quando estabelece um diálogo com o leitor, seu possível enunciatário, pois fazendo isso, ele, mais uma vez, intenciona convencer sobre a veracidade do que vai expor.

O espaço tópico é constituído pelo *Nordeste*, correspondendo aqui ao metaespaço, uma vez que esse espaço compreende as demais demarcações espaciais que aparecem no enunciado.

O *Nordeste* do Brasil é uma região conhecida pelo seu clima semiárido, principalmente no sertão, área muito castigada pelo forte sol e pela escassez de chuvas, o que acarreta numa longa estiagem promovendo, assim, a seca, que leva muitos nordestinos a buscarem em outras regiões suas subsistências. Esse fenômeno migratório é percebido desde tempos longínquos, não advém da atualidade, é comum encontrar nordestinos espalhados pelas demais regiões do país. Por outro lado, outros sertanejos não viam essa mudança de estado como a única solução para sair da situação de miséria em que viviam, optavam por outra alternativa: a vida de crimes. É o caso dos cangaceiros, homens que andavam errantes pelo sertão saqueando fazendas, armazéns, carros que viajavam com mantimentos. Por causa disso, eram pessoas que conheciam bem os territórios nordestinos, principalmente a caatinga, por isso que era difícil a captura desses malfeitores. No texto, esses espaços são representados pelos estados e cidades nordestinos que o ator Tenente João Bezerra percorre em busca de Virgulino: *Alagoas, Bahia, Pernambuco e cidade de Piranhas*. E também pelo lugar em que o cangaceiro estava escondido, *Angico / aquele lugar deserto / já nas águas sergipanas / de Piranhas muito perto*. Toda a narrativa se processa na região Nordeste, além dessas demarcações territoriais, o lugar onde nasceu Lampião também representa essa localidade: *nascido em Águas Belas / lá nas plagas do sertão / do famoso Pernambuco / onde só deu valentão*.

Os temas e as figuras que aparecem no texto remetem a fatos verossímeis, constituintes da cultura popular nordestina. Uma vez que os temas existentes remetem a uma realidade do povo sertanejo e todos aparecem interligados.

O tema *valentia* corresponde a uma característica inerente ao homem do sertão. São varões vigorosos, que gostam de exercer suas autoridades como líderes e chefes de família, a quem todos devem obediência e respeito. No texto, esse tema pode ser conferido no caráter de Lampião, sujeito de uma desmedida bravura, que liderou um bando composto por homens também rijos que agiam com muita coragem e determinação. A *valentia* também pode ser verificada no Tenente João

Bezerra, pessoa muito respeitada pela sua bravura, que decide capturar Virgulino. Os adjetivos “valentão” e “forte” e a expressão “um cabra macho” figurativizam esse tema:

“Certo dia numa luta
O famoso **valentão**
Num combate com a polícia
Seu rifle fez um clarão
-Daquele dia por diante
Seu nome foi Lampião.
“Por causa desse combate
Seu nome ficou mudado
Lampião ‘**um cabra macho**’
O cangaceiro afamado

Que assombrou o sertão
Com seu batalhão malvado”.
“No ano de trinta e oito
Um batalhão reforçado
Do Tenente João Bezerra
Chefe **forte** e respeitado
Já andava no encaço
Deste batalhão malvado”

A designação que aparece nos exemplos a cima do batalhão de Virgulino, “malvado”, denota a percepção de mais um tema, a *violência*. Esta era o cunho das ações do sertanejo e seu bando, que causavam terror por onde passavam. Por outro lado, esse mesmo tema é ainda registrado na atuação dos soldados de João Bezerra para pôr fim à vida de Lampião e seu grupo. “Fogo cerrado” aparece como mais uma figura desse tema. Os fragmentos testificam:

“Quando ele levantou-se
Com sua dama de lado
Os soldados do Bezerra
Fizeram um **fogo cerrado**
Descarregaram os fuzis
Lampião foi alvejado”

“Logo Lampião caiu
Já sem vida sobre o chão
Também Maria Bonita
Morreu sem fazer ação
E começaram a matar
O resto do batalhão”

Ligado à *violência*, o tema *vingança* aparece como o impulsionador dos atos que acontecem na narrativa, porquanto é por uma vindita que Lampião se insere no mundo de crimes e passa a enfrentar autoridades e aqueles que possuíam dinheiro e prestígio. E, além disso, é a *vingança* que motiva a morte do sertanejo, pois o militar João Bezerra queria se vingar do cangaceiro devido aos seus violentos atos e crimes sem nenhuma punição. É aí que se surge mais um tema, a *morte*, que, em decorrência de todo o ódio que o nordestino atraiu para si, muitos queriam vê-lo morto e por muitas vezes ele conseguiu esquivar-se da *morte*, mas o desejo de vingança do tenente foi superior que conseguiu por fim à trajetória de valentia de Lampião. Notem o que foi dito nos seguintes trechos:

“Lampião sempre dizia:
-Serei um homem valente
brigarei enquanto vivo
não nasci para semente
por causa de uma vingança
brigarei eternamente”.

“Depois da vingança feita
os soldados justiceiros
cortaram todas cabeças
dos famosos bandoleiros
e também de Lampião
Rei de todos os cangaceiro”

A *fama* vem a ser um tema que se refere tanto a Lampião quanto ao tenente. O primeiro ganhou notoriedade pela sua *valentia*, a denominação que lhe atribuíram, “rei do cangaço”, testemunha essa *fama*. Por ter sido o cangaceiro mais famoso da história do nordeste e, ao mesmo tempo, o mais perseguido, o Tenente João Bezerra, único que conseguiu capturar Virgulino, tornou-se uma figura aclamada. O modo como ficou conhecido pelo seu feito, “herói”, figurativiza esse tema. Vejam:

“João Bezerra ganhou fama
teve a palma da vitória
porque venceu uma luta
que lhe trouxe muita glória
a qual ficou registrada
nas páginas desta história”.

“Porque foi grande herói
em vencer um batalhão
de fama imortalizada
como o de Lampião
que foi o rei do cangaço
o assombro do Sertão”

Em oposição a todos esses temas, o *companheirismo* é um tema que representa a parte feminina do bando de Lampião, composta por mulheres determinadas e ousadas, que acompanhavam os cangaceiros para onde fossem. Essa característica é muito marcante na mulher nordestina, que sempre está ao lado de seu companheiro em todos os momentos, fossem bons ou ruins, sempre zelando pelo lar, pelo marido e filhos. Essa qualidade de ser companheira é valorizada por Lampião:

“Eram todas corajosas
andavam na companhia
do bandido Lampião
porque ele sempre dizia:
-Para o homem sem mulher
a vida não tem valia”.

Conclusão

No folheto analisado, o enunciador transmite um fato muito marcante do Nordeste, o cangaço, e, por representar o povo nordestino, torna-se um sujeito defensor desse histórico movimento. Em todo o texto, Lampião aparece como uma figura respeitada e representante do Nordeste, pois todos os seus atos, mesmo que infringissem as leis, eram eufóricos, porquanto seus crimes eram motivados por uma existência marcada pela miséria. A escassez de alimentos e de dinheiro impulsionavam-o a cometer tais delitos.

Para defender tal posicionamento, o enunciador aparece, no primeiro momento, próximo do enunciado quando se apresenta como um Sujeito de um saber sobre os valores dos atores no enunciado. No segundo momento, ao narrar uma história que se encontra em sua memória, ele se mantém afastado, debreado do espaço do enunciado.

Referências Bibliográficas

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 1990.
- BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. O Discurso Semiótico. In: ALVES, Eliane Ferraz et alii (org). **Linguagem em Foco**. João Pessoa: Editora Universitária/ Ideia, 2001. pp. 133-157.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2001.

i Autora

Renata de ARAÚJO, Doutoranda
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Programa de Pós-Graduação em Letras
renataolipinto@gmail.com